

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Engenharia
Departamento de Sistemas Elétricos de Automação e Energia
ENG10032 Microcontroladores

Roteiro de Laboratório 12

Drivers

Prof. Walter Fetter Lages

14 de novembro de 2018

1 Objetivo

O objetivo deste laboratório é compreender o mecanismo de funcionamento dos *drivers* de dispositivos e desenvolver um *driver* simples para um dispositivo de caractere.

2 Fundamentação Teórica

Um *driver* de dispositivo é um módulo do *kernel* responsável por fazer a interface entre o sistema operacional e o *hardware* de um determinado dispositivo. Os *drivers* também são responsáveis por fornecer uma interface uniforme para os níveis superiores do *software*, como outras partes do sistema operacional e programas do usuário. Para tanto, existe um conjunto de funções padronizadas que o *driver* deve (ou pode) implementar. Com isto, todos os dispositivos podem ser acessados pelos demais programas da mesma forma, independentemente do *hardware* específico.

Na maioria dos sistemas operacionais existem dois tipos de *drivers*: *drivers* para dispositivos de caractere e *drivers* para dispositivos de bloco. Dispositivos de caractere são dispositivos onde a transferência de dados é feita com base em caracteres, como teclados, portas seriais, portas de impressora, etc. Dispositivos de blocos são dispositivos onde os dados são transferidos em blocos, como discos e fitas magnéticas ou ópticos. Obviamente, como o método de acesso é diferente, as funções que devem ser implementadas por cada tipo de *driver* são diferentes.

A tarefa de desenvolver um *driver* consiste basicamente em mapear as funcionalidades suportadas pelo *hardware* nas funções padronizadas que o *driver* deve implementar.

No Un*x os dispositivos são acessados pelos programas do usuário através de pseudo-arquivos, usualmente no diretório `/dev`. Assim, as mesmas funções utilizadas para acessar arquivos podem ser utilizadas para acessar o *hardware*.

A associação entre o nome do pseudo-arquivo e o *driver* do dispositivo é feita através de dois números denominados *major* e *minor*. Cada pseudo-arquivo que representa um dispositivo possui associado um *major* e um *minor*. Similarmente, cada *driver* possui associado um *major*. O *major* identifica o tipo de dispositivo que o *driver* suporta, enquanto o *minor* identifica, qual dos diversos dispositivos suportados pelo mesmo driver está efetivamente sendo acessado.

Por exemplo, as 3 portas de impressora de um PC são representadas pelos pseudo-arquivos `/dev/lp0`, `/dev/lp1`, `/dev/lp2`. Todos eles possuem o *major* 6, mas cada um possui um *minor* diferente, 0, 1 e 2, respectivamente. O *driver* que suporta as impressoras está associado ao *major* 6. Ao serem chamadas, as funções do *driver* recebem como parâmetro o *minor* referente a qual impressora está sendo acessada.

2.1 Criação de Nodos no `/dev`

2.1.1 Criação de Nodos Manualmente

A forma tradicional de criação dos nodos no diretório `/dev` é manualmente, através do comando:

```
mknod [OPTION]... NAME TYPE [MAJOR MINOR]
```

onde `OPTION` é `-m MODE` ou `--mode=MODE`, sendo `MODE` as permissões de acesso ao nodo, `NAME` é o nome do nodo, `TYPE` é o tipo do nodo: `b`, para dispositivo de bloco, `c` ou `u` para dispositivo de caractere e `p`, para pipe.

Por exemplo, o dispositivo para o *mixer* da placa de som seria criado com o comando

```
mknod -m 0660 /dev/mixer c 14 0
```

Embora simples, este método não funciona bem com a maioria dos sistemas atuais, já que tornou-se comum o uso de um sistema de arquivos baseado em RAM para o `/dev`. Com isso, cada vez que o computador é reinicializado, o conteúdo do `/dev` é perdido. O nodo teria que ser criado novamente cada vez que o sistema é reinicializado.

2.1.2 Criação dos Nodos pelo `udev`

O `udev` é um sistema para criar os nodos de dispositivos no `/dev` de forma automática. Também permite que quando um nodo é criado sejam criados *links*

simbólicos para ele, suas permissões sejam ajustadas e/ou que seja executado um determinado programa.

A operação do *udev* é baseada em uma série de regras, que especificam o que deve ocorrer quando um determinado *driver* é carregado ou quando um determinado nodo é criado. Os arquivos com essas regras são armazenados no diretórios `/lib/udev/rules.d` para as regras padrão e `/etc/udev/rules.d` para as regras personalizadas. Está fora do escopo deste laboratório entender toda a sintaxe das regras do *udev*. Serão apenas utilizadas algumas construções necessárias para criar nodos para os dispositivos.

O *udev* funciona com o auxílio de um *daemon* denominado *udev*d, que monitora os eventos gerados pelo *kernel* e executa as regras apropriadas.

2.1.3 Criação do Nodo pelo Próprio *Driver*

Outra forma, mais simples e prática para criar os nodos no `/dev` é fazer com que o próprio módulo que implementa o *driver* para o dispositivo crie o nodo ao ser carregado e remova-o ao ser descarregado. Com isso, evita-se a necessidade de ter um *script* para fazer isso e eventuais inconsistências entre os valores de *major* e *minor* utilizados pelo *driver* e pelo *script*.

Versões mais recentes do *kernel* podem alocar o *major* para cada *driver* dinamicamente, de forma que não é mais necessário alocar explicitamente os *majors*. Por outro lado, complica as coisas para a criação dos nodos de dispositivos, pois o *major* não será sempre o mesmo para cada *driver*. A criação do nodo pelo próprio *driver* resolve este problema.

Para que o *kernel* alogue dinamicamente um *major* para o *driver* basta passar 0 no parâmetro correspondente ao *major* na chamada à função `register_chrdev()`, que retornará o *major* alocado.

Antes de criar um nodo para o dispositivo através do *driver* é conveniente criar uma classe para o dispositivo (ou utilizar uma classe já existente). Esta classe irá gerar uma entrada no diretório `/sys/class` onde serão armazenadas as informações dos dispositivos criados. O nome desta classe também pode ser utilizado nas regras do *udev* através da chave `SUBSYSTEM`. A classe é criada com a macro:

```
#include <linux/device.h>

class_create(owner, name)
```

onde *owner* é tipicamente a constante `THIS_MODULE`. A macro retorna um ponteiro para uma `struct class`, que é utilizada para criar os nodos para os dispositivos.

Tendo-se a classe, pode-se criar os nodos para os dispositivos com a função:

```
#include <linux/device.h>
```

```

struct device *device_create(struct class *cls,
                            struct device *parent,
                            dev_t devt, void *drvdata,
                            const char *fmt, ...);

```

onde `cls` é o ponteiro para a classe, `parent` é o ponteiro para dispositivo pai, se houver algum, `devt` é o descritor do dispositivo, criado a partir da macro `MADEV(major, minor)`, `drvdata` é um ponteiro para dados privados do dispositivo, e `fmt` é uma *string*, no formato utilizado pela função `printf()` com o nome do nodo a ser criado. Os parâmetros adicionais dependem do formato especificado em `fmt`.

Quando não foram mais necessários os nodos dos dispositivos e a classe devem ser removidos com as funções:

```

#include <linux/device.h>

void device_destroy(struct class *cls, dev_t devt);
void class_destroy(struct class *cls);

```

A listagem 1 mostra um módulo que implementa um *driver* que cria seus próprios nodos para os dispositivos suportados.

Listagem 1: Módulo com *driver* que cria os próprios nodos para os dispositivos suportados.

```

#include <linux/module.h>
#include <linux/device.h>
#include <linux/fs.h>
#include <linux/gpio.h>
#include <linux/uaccess.h>

#define DEVICE_NAME "led"
#define CLASS_NAME "engl0032"

static int major=0;
static int minor=0;
static struct class *ledclass=NULL;

MODULE_AUTHOR("Walter Fetter Lages <fetter@ece.ufrgs.br>");
MODULE_DESCRIPTION("LED Driver");
MODULE_SUPPORTED_DEVICE("led");
MODULE_LICENSE("GPL");

module_param(major,int,0);
MODULE_PARM_DESC(major,"major number; default is kernel allocated.");

static ssize_t led_write(struct file *file, const char *buf,
                        size_t count, loff_t *ppos)
{
    unsigned char data;
    int error;

    if(count != sizeof(unsigned char)) return -EINVAL;
    if( (error=get_user(data,buf)) ) return error;
    gpio_set_value(7,data & 1);
    return sizeof(unsigned char);
}

```

```

}

static struct gpio routers[]={
    {46,GPIOF_OUT_INIT_LOW|GPIOF_EXPORT_DIR_FIXED,"IO13 is GPIO"},
    {30,GPIOF_OUT_INIT_LOW|GPIOF_EXPORT_DIR_FIXED,"IO13 is Out"},
    {7,GPIOF_OUT_INIT_HIGH|GPIOF_EXPORT_DIR_FIXED,"IO13"}
};

static int led_open(struct inode *inode,struct file *file)
{
    return gpio_request_array(routers,ARRAY_SIZE(routers));
}

static int led_release(struct inode *inode,struct file *file)
{
    gpio_free_array(routers,ARRAY_SIZE(routers));
    return 0;
}

static struct file_operations led_fops=
{
    .owner=THIS_MODULE,
    .write=led_write,
    .open=led_open,
    .release=led_release
};

int init_module(void)
{
    dev_t ledno;

    if ((major=register_chrdev(major,DEVICE_NAME,&led_fops))== -1)
    {
        printk("major %d can't be registered.\n",major);
        return -EIO;
    }
    ledclass=class_create(THIS_MODULE,CLASS_NAME);
    ledno=MKDEV(major,minor);
    device_create(ledclass,NULL,ledno,NULL,DEVICE_NAME "%d",minor);

    return 0;
}

void cleanup_module(void)
{
    dev_t ledno;

    ledno=MKDEV(major,minor);
    device_destroy(ledclass,ledno);
    if(ledclass != NULL) class_destroy(ledclass);
    unregister_chrdev(major,DEVICE_NAME);
}

```

Note que mesmo com o *driver* criando os próprios nodos para os dispositivos, é ainda necessário utilizar o *udev* para configurar as permissões de acesso, proprietário e grupo do nodo criado, e talvez criar *links* simbólicos para ele. A listagem 2 mostra uma regra do *udev* típica para estes casos.

Listagem 2: Arquivo de regras para o udev, sendo os nodos criados pelo próprio *driver*.

```
SUBSYSTEM=="eng10032", KERNEL=="led[0-3]", MODE="0620", GROUP="gpio"
```

2.2 Funções Implementadas pelo *Driver*

As funções que podem ser implementadas por um *driver* de dispositivo de caractere estão definidas na estrutura `file_operations`, declarada no arquivo `linux/fs.h`. Para um *driver* simples, as principais funções são equivalentes às disponíveis na biblioteca padrão de C, ou seja:

int open(struct inode *inode, struct file *file) Para inicializar o dispositivo.

int release(struct inode *inode, struct file *file) Para fechar o dispositivo.

ssize_t write(struct file *file, const char *_user *buf, size_t count, loff_t *ppos) Para escrever no dispositivo.

ssize_t read(struct file *file, const char *_user *buf, size_t count, loff_t *ppos) Para ler do dispositivo.

3 Experimentos

Neste laboratório será desenvolvido um *driver* para acionar o LED conectado no pino IO13 da Galileo. Os drivers no Linux são específicos para cada versão do *kernel* e para serem compilados requerem que o respectivo *kernel* esteja configurado e que, pelo menos, os seus arquivos de cabeçalho estejam disponíveis. A princípio, os *drivers* deveriam ser compilados na própria árvore do *kernel*, mas existem *hooks* nos *makefiles* do *kernel* que permitem que *drivers* sejam compilados fora da árvore, como será feito aqui.

Será utilizado o *kernel* 3.8.7, que é o *kernel* que está na imagem do cartão microSD usado no laboratório. No entanto, para compilar módulos para este *kernel* é necessário que o seu código fonte esteja disponível. Para evitar congestionamento na rede com todos os alunos baixando a sua cópia ao mesmo tempo, ele já está instalado em `~/src/lab12/linux-3.8.7`. Obviamente, para compilar *drivers* para a Galileo, também deve-se usar o compilador cruzado.

1. Ajuste as variáveis de ambiente para a arquitetura x86 e o PATH do sistema para localizar o compilador cruzado:

```
export ARCH=x86
export DEVKIT=/opt/iot-devkit/devkit-x86
export POKYSDK=$DEVKIT/sysroots/x86_64-poky-sdk-linux
export PATH=$PATH:$POKYSDK/usr/bin/i586-poky-linux
export CROSS_COMPILE=i586-poky-linux-
```

2. Copiar a configuração do *kernel* que está executando na Galileo e descompactar no diretório onde está o código-fonte do Linux:

```
cd ~/src/lab12/linux-3.8.8
scp <login@galileo>:/proc/config.gz .
zcat config.gz > .config
rm config.gz
```

onde <login@galileo> é o seu *login* e nome da Galileo em uso.

3. Configurar o *kernel* com os comando:

```
make olddefconfig
```

4. Preparar o *kernel* para compilação de módulos fora da árvore:

```
make modules_prepare
\end{lstlisting}

\item Na listagem \ref{lst:led} tem-se o código fonte de um \textit{driver}
para dispositivo de caracter que permite acionar o LED. O \textit{driver}
implementa a função \texttt{write()}, que escreve o byte passado como
parâmetro na linha de comando na \path{gpio7}.

\item O \texttt{Makefile} para compilar o \textit{driver} (módulo do
\textit{kernel}) é mostrado na Listagem \ref{lst:Makefile}. Note que este
\texttt{Makefile} é bem diferente dos demais. Isto ocorre porque, na
verdade, não é ele que compila o \textit{driver}, mas sim utiliza
\textit{hooks} nos \textit{makefiles} do \textit{kernel}, que são executados
para fazer a compilação. Isto tem que ser assim porque um \textit{driver} é
um pedaço do \textit{kernel}. Note também que este \texttt{Makefile} assume
que o código-fonte do \textit{kernel} está no diretório
\path{../linux-3.8.7}. Ajuste o \path{Makefile} de acordo, ou crie um \textit{link}
\path{../linux-3.8.7} apontando para a localização do código-fonte do
\textit{kernel}.

\lstinputlisting[caption={\protect \path{Makefile} para compilar um \textit{driver}.},
    basicstyle=\ttfamily\scriptsize,
    label=lst:Makefile]{led/Makefile}

\item Compile o \textit{driver} com o comando:
\begin{lstlisting}
make
```

5. Instale o arquivo de regras do udev em /etc/udev/rules.d com o nome 99-eng10032-lab12.rules.
6. Transfira o binário do *driver* (arquivo .ko) para a Galileo e instale-o no diretório /lib/modules/3.8.7-yocto-standard/char.

7. Atualize a lista de dependências do *kernel* executando como superusuário o comando:

```
depmod -a
```

8. Faça um *script* de inicialização para carregar o módulo do *kernel* que implementa o *driver* usando o comando `modprobe` e instale-o na Galileo.
9. Reinicialize a Galileo.
10. Verifique se ele foi mesmo carregado com o comando `lsmod`.
11. Verifique que o *major* atribuído para o *driver* através do comando

```
cat /proc/devices | more
```

12. Procure no diretório `/dev` o nome dos dispositivos com o *major* descoberto no item anterior.
13. Faça um programa no espaço usuário que acenda e apague o LED dependendo de um parâmetro passado na linha de comando, utilizando o *driver* desenvolvido, ao invés da interface `/sys/class/gpio`.
14. Teste o programa no espaço do usuário.